



Maria Luiza com Izabel, Iana (no colo da mãe) e Humberto; cada criança tem um tipo de inteligência e estuda em uma escola adequada a sua habilidade

# Em cada escola, um filho

**L**a relações públicas Maria Luiza da Mata, 45 anos, nunca ouviu falar no professor e psicólogo Howard Gardner e suas idéias sobre educação. Mas já percebe que cada um de seus três filhos — Izabel, 12 anos, Humberto, 11, e Iana, 7 — apresenta um tipo de aptidão. Por isso, resolveu matriculá-los em escolas diferentes.

Vendo a lista de habilidades que o psicólogo de Harvard propõe, Maria Luiza consegue logo dizer quem é quem na família. Em Humberto, 11 anos, percebe uma forte tendência para a inteligência espacial, relacionada com a capacidade de elaborar modelos mentalmente e manobrários, como fazem os escultores. “Ele é o artista da família. Adora fazer esculturas, maquetes”, conta.

Humberto estuda no colégio Indi Bibia, no Lago Norte. “Escolhi essa escola porque deixa a criança bem livre, exercita sua criatividade. Eles desenham no chão, não trazem dever para casa, fazem tudo lá. O Humberto não suportava essas tarefas”, explica.

Um horror de escola na opinião da caçula Iana, que não se adaptou. “Ela é mais certinha”, observa a mãe. Iana gosta de tudo organizado e se mostra mais desenvolvida na inteligência lógico-matemática. Por isso foi matri-

culada na mesma escola da irmã mais velha, a Viver, na Asa Norte.

Izabel, por sua vez, é mais falante. “É a política da família”, conta Maria Luiza. A menina foi eleita senadora até 2002, numa eleição simulada pelos alunos da escola, tamanha sua desenvoltura em falar em público e convencer as pessoas. Claras tendências para a inteligência que Gardner chama de lingüística.

A orientadora educacional do Viver, Perpétua Ribas, explica que a teoria das múltiplas inteligências trouxe novas idéias para a escola. O próprio exercício das eleições mostra isso. Os alunos se dividiram em grupo e montaram chapas. Juntos decidiam quem fazia o quê. “Eles apontavam que tal aluno devia ser o candidato porque falava melhor. Quem desenhava bem fazia os cartazes, outros bolavam a música”, conta.

Sílvia Fichman, da Escola do Futuro, diz que é muito produtivo permitir que, em uma mesma proposta, os alunos realizem tarefas diferentes. “Hoje, a boa aula é aquela em que nem todos os alunos fazem a mesma coisa ao mesmo tempo.” Ela diz ainda que esse exercício ajuda a criança a aprender a conviver com os outros (inteligência interpessoal) e a se conhecer melhor (inteligência intrapessoal).